

ENSAIO SOBRE A PRECARIEDADE E OS DESAFIOS DO ENSINO MÉDIO NOTURNO: PERSPECTIVAS E REFLEXÕES

Luana Gobbi Franke ¹
Francisco dos Santos Kieling ²

RESUMO

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa bibliográfica com caráter crítico-reflexivo sobre os fundamentos sociológicos da educação, para seu desenvolvimento foi utilizado como fundamentação teórica autores como PUCCI (1995), FREIRE (1996), WILLIS (1977), GRAMSCI (ed. 1982) e citações de pesquisas recentes de (AMORIM *et.al.*,2023; TOGNI e SOARES, 2007) destinados para uma análise crítica e reflexiva sobre a precariedade que permeia o Ensino Médio Noturno no Brasil. Desta forma, foi realizado uma análise dos desafios históricos, sociais e pedagógicos que marcam o Ensino Médio noturno na rede pública brasileira. Partindo de uma breve revisão histórica, o estudo tem como foco identificar e analisar a atual estrutura do ensino noturno, que está marcado pela perpetuação das desigualdades sociais, operando como um espelho divisor de classes. Desta forma é identificado a caracterização dos alunos do Ensino Médio Noturno, entre o aluno trabalhador e o não-trabalhador, marcados pelas demandas do mercado de trabalho e a recente narrativa ideológica neoliberal. Ambos os grupos enfrentam problemas comuns: desinteresse, evasão escolar e um sentimento de que a escola não dialoga com suas realidades imediatas. As problemáticas são agravadas por precariedades estruturais, como a falta de infraestrutura, alimentação inadequada, insegurança, falta de identificação, trabalho docente precarizado, e por uma prática pedagógica que, frequentemente, replica de forma inadequada o modelo do ensino diurno, sem considerar as necessidades, interesses e o cansaço peculiar dos estudantes do período noturno. Desta forma, surgem as seguintes questões para discussão diante ao presente trabalho: Quem são estes alunos? O que esperam do Ensino Médio Noturno? Os problemas de evasão e desinteresse se dá apenas por uma questão particular do alunado? De que forma a prática docente pode contornar estas questões? A pesquisa através da teoria busca responder estas perguntas e considerar diferentes variantes que corroboram para a precariedade do Ensino Médio Noturno.

Palavras-chave: Ensino Médio Noturno, Prática Pedagógica, Desigualdade.

INTRODUÇÃO

Para guiar a discussão sobre os desafios do ensino noturno, antes mesmo, é necessário revisitar a criação do mesmo no meio educacional, atravessar a história da educação no contexto brasileiro para que haja melhor compreensão dos fatos. A educação brasileira, desde

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal de Pelotas - UFPEL, luanagfranke@gmail.com;

² Orientador e Professor Adjunto da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL, chico.lpdufpel@gmail.com;



os tempos do império sempre se deu por uma perpetuação de desigualdades, onde apenas havia acesso às elites burguesas, visto que, para a maioria da população brasileira, a educação formal era inacessível.

Porém, diante ao governo de Getúlio Vargas que se instituiu o Ministério da Educação, reformulando para que houvesse acesso às escolas de forma pública e gratuita com obrigatoriedade apenas até a 4º série do ensino fundamental até 1971. O Ensino Médio era visto como uma etapa de ensino priorizado para as classes sociais de elite, com número de vagas restrito, e quando se dá a expansão da modalidade de ensino em 1930, se dá para que pudesse ser vinculado ao mercado de trabalho e com meios de profissionalização (AMORIM; SILVA; LEITE; SANTOS; ALLI, 2023).

Em 1988 com a nova Constituição Federal, se promove a democratização do ensino, considerada um grande avanço em termos de direito social e garantia legal através do aparato do Estado, regulamentado pela LDB (Leis de Diretrizes e Bases), onde o dever do estado seja o de garantia de forma progressiva da universalização do Ensino Médio gratuito.

Ocorre uma tentativa de conciliar os alunos trabalhadores através da lei da LDB - 9394/96, no entanto, tal tentativa trata estudantes trabalhadores e não-trabalhadores, entre ensino diurno e regular, através das mesmas políticas públicas e práticas docente, não se verificando a diferenciação de necessidades e realidade social, de quem e para quem está sendo direcionado a educação, acarretando em diversos desafios pedagógicos e estruturais qual perpetuam a desigualdade ao estudante, onde deveria ter um ensino equitativo, não apenas igualitário.

Para Rodrigues (1995, p. 15): “a divisão da escola em dois turnos é cada vez mais uma divisão de classes sociais no interior do ambiente escolar.” É evidente que não se pode afirmar uma suposta excelência do Ensino Regular oferecido nas escolas públicas de Ensino Médio, porém, é de fato que à noite as mazelas do Ensino Médio brasileiro como a falta de flexibilidade dos conteúdos e a evasão escolar são profundamente agudizadas. (AMORIM; SILVA; LEITE; SANTOS; ALLI, 2023).

Há de ser considerado problemas também de infraestrutura nas escolas, qual discorro brevemente. De acordo com o TCE (Tribunal de Contas e Economia) do Rio Grande do Sul, onde considerados 7.198 escolas qual fizeram parte do mapeamento, 353 não possuem banheiro em suas dependências, enquanto que, em 21 instituições de ensino da rede municipal, inexistente esgoto, será por rede pública ou fosse, 2104 destas escolas, quais representam 29% do total, não contam com água potável.

Outro ponto a ser considerado que, por mais que através do índice de infraestrutura emitido pelo Estado contem com cozinhas nas escolas, acesso à internet e entre outros fatores, não se aplica a realidade prática, onde nas cantinas não há alimentação adequada para os



estudantes, o acesso à internet muitas vezes não é funcional, a assistência pedagógica, materiais, salas de aula, é limitada.

Contudo, tais problemáticas se agravam ao período noturno, muitas vezes faltando lanche, onde o aluno chega além de exausto, com fome após uma rotina de trabalho, há falta de ambientes sociáveis para convívio, acesso limitado às bibliotecas, e até mesmo enfrentando problemas de segurança diante ao período noturno.

Por toda via, o que de fato estes alunos esperam do ensino noturno? Como o ensino noturno se estrutura e quais são suas principais divergências ao ensino regular diurno? Como pensar o fazer docente diante tais características? Como a estrutura escolar corrobora para a evasão e quais os efeitos do neoliberalismo nesse contexto?

METODOLOGIA

O presente trabalho se trata de uma pesquisa com teor qualitativo de caráter teórico-bibliográfico e reflexivo, através de uma abordagem qualitativa e crítica. A presente pesquisa se dá pelo método analítico e reflexivo com revisão histórica e discussão fundamentada em autores de referência, destaco que, o presente trabalho e ideia de pesquisa foram aprofundados a partir das reflexões da literatura articuladas a experiência como bolsista pelo PIBID no Ensino Médio Noturno em Pelotas. Para seu desenvolvimento, foi utilizado como fundamentação referências teóricas de autores como PUCCI (1995), FREIRE (1996), WILLIS (1977), GRAMSCI (ed. 1982) além de dados de instituições como o TCE/RS e citações de pesquisas recentes de (AMORIM *et.al.*,2023; TOGNI e SOARES, 2007). Não há coleta de dados empíricos, visto que a análise é construída a partir de uma revisão da literatura já publicada.

O objetivo foi compreender, discutir, refletir e problematizar os desafios estruturais, pedagógicos e sociais do Ensino Médio noturno na rede pública brasileira, com foco na realidade do aluno-trabalhador e na prática docente, propondo reflexões sobre estratégias para uma educação mais equitativa e significativa, tendo em vista a formulação de hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. Sem pretensão de testar hipóteses ou generalizar resultados estatísticos.

Desta forma, o presente trabalho traz uma análise histórica e social da educação noturna no Brasil, discutindo desigualdades e a relação entre a escola, trabalho, classes sociais e o fazer docente.



REFERENCIAL TEÓRICO

Há uma enorme disparidade quando trata-se do assunto de educação em relação ao modelo regular, diurno nas escolas de ensino médio brasileiras ao comparar o funcionamento e prática pedagógica ao ensino noturno. Tal disparidade se dá pela perpetuação de desigualdades e, em sua consequência, realidades sociais distintas, onde o ensino noturno demonstra dois tipos de demandas para serem atendidas: 1) ao aluno que por questões de indisciplina é transferido ao regime noturno, de certa forma, punitiva. 2) ao trabalhador, jovem ou adulto, qual tens a necessidade de trabalhar durante o dia, onde procura os estudos no turno da noite ofertado por seu direito.

No entanto, para a segunda situação, nos tempos atuais ainda há uma pequena distinção de perfis do aluno, ou seja, é possível encontrarmos jovens trabalhadores sem o apogeu da maioria por lei, desta forma, sendo obrigatório por lei a sua presença em sala de aula, e o outro caso, adultos que já atingiram o limite da maioria com interesse próprio em retomar os estudos, buscando além do diploma, mas qualidade de vida através da educação, ou para retomar o tempo perdido por questões particulares no entanto socioeconômicas, qual a prioridade se dava com e para o trabalho, formal ou informal, envolvidos na lógica do capitalismo, qual limitaram suas possibilidades ao longo da vida.

Esta condição de aluno-trabalhador talvez seja a característica mais forte dos alunos do ensino médio noturno. Talvez a característica mais marcante de um aluno do ensino noturno de 1.º e 2.º graus seja a condição de trabalhador desqualificado e superexplorado ao peso de um salário vil e de uma insuportável dupla jornada de trabalho: a da fábrica, loja ou escritório, e a da escola noturna. (Pucci, 1995, apud TOGNI; SOARES, 2007, p. 67)

Porém, quando se trata da primeira distinção categorizada, podem entrar na lógica da contracultura escolar, uma forma de resistência ao ensino envolvendo escola, classe e cultura, onde os alunos reconhecem uma falsa narrativa meritocrática do ensino tradicional, qual não se identificam como sujeitos que possam alcançar evolução na qualidade de vida através da educação, sendo uma ilusão para a classe proletária entretanto, não reconhecem que é justamente tal lógica qual favorece para que mantenham como classe operária (WILLIS, 1991, p.122) e de que, há uma onda crescente de um pensamento ideológico neoliberal alienante qual engatilha tal situação. Correspondendo aos alunos da primeira situação, se dá uma sensação de deslocamento e falta de senso de pertencimento, o qual pode corroborar para a evasão.



Tal resistência não se dá apenas por negação ao ensino tradicional no contexto brasileiro, mas um conjunto de fatores, sejam econômicos, sociais, de precarização do ensino, qual colocam o professor em um lugar de reflexão além do diagnóstico de uma turma, mas de que apenas a transmissão de conhecimento não se dá por excelência, e nem deve ser apenas um despejar de conteúdo, mas como, que estratégias adotar para que os conteúdos necessários a serem trabalhados de acordo com a BNCC, aproximando a nossa realidade, ao Referencial Gaúcho (sigla), façam sentido na vida destes estudantes com este contexto, como despertar o senso reflexivo e crítico?

Se já existe a dificuldade de se pensar nestes critérios para a educação no ensino regular, os fatores da educação noturna, já contemplados pela necessidade do trabalho, atravessados pela interseccionalidade, se tornam mais complicados ao docente, já consumido pela exaustão muitas vezes por um terceiro turno, de se pensar a melhor prática pedagógica além dos conteúdos.

Os discentes do Ensino Médio noturno, marcados pela exaustão através de longas jornadas de trabalho extenuantes, há casos também, principalmente ao se tratar de mulheres, quais são marcadas pela “obrigação” dos afazeres domésticos, onde tudo isto se soma, e justamente pelo cansaço, chegam no limite para à escola resulta em diversos problemas estruturais, como a indisciplina, reprovação e a evasão em meio ao contexto de precarização dos espaços e trabalho docente (AMORIM; SILVA; LEITE; SANTOS; ALLI, 2023).

É necessário também considerar outros fatores além do trabalho, pois por mais que uma certa parte dos alunos do noturno sejam trabalhadores ativos, há outros aspectos a serem considerados (TOGNI, 2007):

- Faixa etária: alunos que interromperam os estudos, seja por reprovações excessivas, necessidades pessoais (qual entram em perfis socioeconômicos de baixa renda, discutido anteriormente). É visto a variação de idade nas turmas noturnas.
- Procura de emprego para auxiliar a família, tanto em empregos de jornada integral quanto ao jovem aprendiz, que precisa estar matriculado em alguma instituição de ensino.
- Crença do ensino noturno ser mais “fácil”, necessitando menos adesão que o diurno.
- Busca por iguais, outros sujeitos com situações parecidas.
- Trabalho doméstico.

Desta forma, o que de fato os discentes do Ensino Médio Noturno possuem de expectativa, se ainda é possível utilizar este termo visto a desilusão que há com a educação, se dá por uma educação que os auxiliem no seu dia-a-dia em sua própria sobrevivência, e se por



algum acaso a escola demonstrar não oferecer de fato o que se busca, acaba que o estudante por não ver a utilidade da mesma, é impelido ao abandono dos estudos. Togni e Carvalho (2007) ressalta outras motivações que os alunos buscam na escola.

Os alunos, portanto, buscam nas escolas muito mais do que instrução; buscam igualdade de oportunidades e formas de não-exclusão. As experiências vividas no ambiente de trabalho marcam profundamente a relação do aluno com a escola e criam uma expectativa imediatista a respeito do que a escola pode lhes oferecer. (TOGNI; CARVALHO, 2007, p.68)

Em relação aos alunos que não se enquadram em um contexto social de trabalho, ainda sim, não há uma adesão de fato para as atividades escolares, resultando em desinteresse e até mesmo infrequência, qual a escola procura métodos para recuperar presença, notas em atividades avaliativas, entretanto, isto se implica na defasagem do processo de aprendizagem e nos apresenta a seguinte e simples pergunta, mas com sua complexidade por trás: Por que? Se estes alunos não estão em condições avaliadas como múltiplas tarefas ou inseridos no mercado de trabalho, o que gera o desinteresse?

Há considerações que são necessárias a se refletir, antes mesmo tratando-se de uma problemática estrutural da sociedade, onde os alunos do noturno são condicionados a esta posição, seja aos alunos trabalhadores ou não, há tendo uma onda crescente de uma narrativa neoliberal, citada anteriormente no presente trabalho, tal narrativa trata-se de desvalorizar a educação como um meio de ascensão social, onde empresários e influenciadores digitais visam o repassar o mito da meritocracia sem considerar qualquer questão racial, social, cultural e econômica, onde hoje, pelas redes sociais, tem se mostrado como uma ferramenta de alienação.

Sendo assim, se o aluno não encontra utilidade do ensino prático pedagógico e da rede escolar para a sua vida, visto que o trabalho é o responsável por quitar as questões financeiras, mesmo que explorado e alienado, é o que garante a sua sobrevivência de forma “immediatista” e “emergencial”, no entanto, sem criticidade, perspectiva e consciência social, dito isto, qual pode ser mais um dos fatores de desinteresse, principalmente dos jovens, pois não encontram senso de utilidade, igualdade de oportunidades e não-exclusão na escola.

Muitas vezes, outro fenômeno ocorre, qual a própria escola realizar o processo de exclusão, “desistindo” do aluno, sem buscar compreender a complexidade da realidade por trás de cada discente, e em questões pedagógicas, tentando aplicar a forma de ensino do diurno sob estes estudantes, porém, ineficaz, tanto para o docente quanto aos discentes. Desta forma, metaforicamente, se torna uma “bomba” para o professor, irei me ater aos desafios docente ao ensino noturno e suas implicações posteriormente.



Outro ponto válido ressaltar que falando de âmbito educacional as escolas municipais e estaduais, até mesmo ao ensino regular diurno estão em condições precárias, especialmente o noturno, mesmo que em seu direito seja garantido o acesso à educação por lei, justamente pela lógica do capital e divisão entre o setor público vs privado, o público muitas vezes não consegue sustentar uma boa infraestrutura de qualidade para estes alunos. Há uma perpetuação de desigualdades no ensino, onde o ensino de qualidade se encontra garantido para as escolas privadas, mantendo a escola pública sucateada, para que haja demanda.

A divisão fundamental da escola em clássica e profissional era um esquema racional: a escola profissional destinava-se às classes instrumentais, ao passo que a clássica destinava-se às classes dominantes e aos intelectuais. (GRAMSCI, ed. 1982 p. 118)

Deste modo, não deixo de ressaltar dois pontos importantes, estes mesmos alunos muitas vezes chegam ao ensino médio sem sequer requisitos básicos para estarem cursando tal período, e as escolas muitas vezes, para seguir a PNE (Plano Nacional de Educação) onde se há metas propostas mundialmente para o aumento do índice de educação, resulta em alunos não preparados de fato, sem base o suficiente sequer de uma das principais portas para a universidade, sendo um divisor de águas, o ENEM (Exame Nacional de Ensino Médio), qual ao ter acesso a universidade, é um passo para a possibilidade de ascensão social. A culpa está no aluno? Professor? Escola? Onde está? Está num sistema inviável, marcado pela educação tecnicista de modelo referencial dos anos 1970 implementado no Brasil, marcado pela perpetuação e reprodução das desigualdades, a uma lógica liberal culminante.

Considerando tudo isto, ao segundo ponto, não deixo de lembrar de Gramsci, onde o autor fala que é necessário um aparato do estado que garanta boas condições e qualidade de vida para os alunos, para que assim, não ocorra o fenômeno que vem acontecendo na atualidade, onde a escola, como instituição, abaixa o padrão de ensino, desqualificando-o, para que acompanhe o nível dos alunos. É necessária uma escola estruturada, com infraestrutura e séria, ao dizer “séria” não me refiro a adoção de uma prática tradicional, mas que trate a educação com seriedade.

“A escola unitária [...] deveria ser organizada como uma escola média única, de cultura geral, humanística, formativa, que equilibre adequadamente o desenvolvimento da capacidade de trabalhar manualmente (tecnicamente, industrialmente) e o desenvolvimento das capacidades do trabalho intelectual. [...] Uma tal escola não pode ser ‘fácil’, não pode ser uma escola ‘de luxo’... ela deve ser séria e formativa, ainda que não deva ser ‘pedante’ e ‘retórica’.” (GRAMSCI, ed. 2000 p. 50-51)

Por esta via, não é possível culpabilizar o aluno, visto que há um complexo cenário por de trás, onde mais questões podem e devem ser exploradas, o aluno, sujeito, com sua



identidade, está tentando sobreviver a um sistema falido, e ao professor, em sua carga de exaustão, o mesmo, no entanto, se mantém além da esperança.

Referente a tais desafios, pretendo me debruçar sobre a realidade escancarada que o professor encara, considerando a dinâmica social, métodos e prática pedagógica quando se trata do ensino médio noturno.

Enquanto o professor, como sujeito responsável pela transmissão de conteúdos para cumprir o plano de ensino elaborado para que atendam às exigências necessárias que os documentos oficiais solicitam (BNCC e Referencial Curricular Gaúcho), diante a situação do ensino noturno, há alguns pontos que devem ser considerados.

Primeiramente, é necessário realizar um diagnóstico da turma, que atravessado por uma interseccionalidade e o fator do trabalho, se torna mais complexo, é visto que, para se compreender um total é preciso um olhar atento ao individual, ao contexto de cada aluno, conhecê-los como sujeitos, muitos com a identidade formada ou em processo de formação. Porém, isso se torna um trabalho fatigante, visto a realidade do professor fora do mundo ideal.

O papel do professor se dá neste caso em diagnosticar e enxergar além da realidade, realizar tentativas de aproximação, compreender o contexto destes alunos e a partir disto, revisar e criar formas de transposição didática que façam sentido a estes estudantes, não apenas para compreensão de um conteúdo em específico, mas que atenda justamente as problemáticas discutidas previamente sobre estes alunos. Que seja possível relacionar a teoria, independente do conteúdo, com a prática de vida, do dia-a-dia, para que sobreviva a indagação deste aluno: “O que isto tem a ver comigo? Ou com a vida que eu levo? O que pode ser útil diante ao meu contexto? ”, demonstrando assim, a aplicação real do teórico ao mundo material.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao se pensar uma transposição didática desta forma, é de exímia contundência que haja uma aproximação de realidade, mas também, uma aproximação sobre os interesses deste aluno, para que cativa, chame a atenção também do aluno “desinteressado” que está fora da lógica do trabalho, sendo assim, trabalhando com as diferentes realidades e propor a reflexão crítica para a turma, para que assim, as propostas pedagógicas possam ter maior índice de efeito e engajamento, dando sentido a educação articulando com o contexto real e material para a classe e acolhimento. Sintetizando, é necessário criar uma aproximação aos interesses



dos alunos, ouvir e acolher, compreender, e demonstrar em que aspecto da vida e de seus interesses, o conteúdo se encaixa, que faça sentido.

Ao ter a escuta atenta, a medida em que o conhecimento se demonstrar útil, benéfico, e demonstrar o impacto que a mesma pode ter na vida de cada um desmistificando o mito da meritocracia, é possível promover debate e a própria reflexão crítica dos alunos, não somente a respeito de conteúdos da disciplina, mas que seja possível que o pensamento crítico floresça, estimulando a sua autonomia, formando sujeitos capazes de ler o mundo e agir sobre ele. (FREIRE, 1996) E que desta forma, o oprimido não queira ser o opressor, qual a lógica ideológica neoliberal, os manipula, que haja questionamento e visibilidade para que seja visto que a educação é o caminho para a ascensão social ou de melhoria de qualidade de vida, mas além, como sujeitos pensantes, reflexivos e críticos.

Por todavia, por mais que a profissão de professor tenha uma tendência sonhadora e esperançosa, a estrutura em que o mesmo está envolvido é precária, se apenas com falta de infraestrutura escolar já dificulta a atuação docente, há os quesitos da realidade da prática docente.

Esses professores geralmente lecionam também durante o dia, pois os contratos de trabalho são de 40 horas semanais, e, em alguns casos, 60 horas semanais, pois os índices salariais não são coerentes com o trabalho realizado. Quando chegam à escola, à noite, já estão, em muitos casos, no seu terceiro turno de trabalho diário. Cansados, enfrentam classes numerosas e heterogêneas, e dificuldades de infra-estrutura. (TOGNI, SOARES, 2007, p. 70)

Contudo, a pressão por resultados, as horas de planejamento, cargas horárias excessivas e baixa remuneração salarial e sem uma rede de apoio necessária, corrobora para a exaustão do professor, onde não consegue exercer sua profissão com a excelência que teria em seu potencial se não houvesse todo um sistema adoecido e desmotivador, logo, muitas das vezes, acaba repassando conteúdos já elaborados e programados ao diurno, e de outro modo, muitas vezes sequer é pensado outra tática de elaborar e construir o conhecimento, não levando em consideração através da estrutura dos cursos que os interesses dos alunos do noturno, sejam diferentes dos alunos do diurno, e que logo, a prática pedagógica e preparação de um plano de ensino e de aula, devem ser diferentes. (TOGNI, SOARES, 2007)

A metodologia empregada por esses professores deve perpassar não somente a seleção de conteúdos, mas deve ser precedida pela justificativa da escolha desses conteúdos. Deve permitir também o preparo para a sua utilização em sala de aula. Deve ser ainda considerada a avaliação contínua dos procedimentos utilizados, tais como: técnicas, recursos, interações, atividades em classe extraclasse, pois estas, por sua vez, prolongam a aula do professor. Outro fator importante a ser levado em consideração é o registro do que ocorre para que estes momentos pedagógicos não sejam apenas fatos isolados, mas elos de uma corrente que possibilitará a construção contínua do conhecimento. (TOGNI, SOARES, p. 70)



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por esta via, concluo a análise de que, o Ensino Médio noturno por excelência em seus desafios e problemáticas, não são acidentais outrora isolados, mas uma expressão concreta de um projeto histórico de educação que reproduz e aprofunda as desigualdades sociais. Onde a dualidade entre o ensino diurno e noturno, se materializa no interior da escola, na divisão de classes e na estrutura societal, corroborando para as causas da evasão, desinteresse e dificuldades de aprendizagem.

No entanto tais questões não podem ser totalmente atreladas aos alunos aos professores em sua prática docente, qual vivenciam a precariedade do meio educacional em exaustivas jornadas de trabalho, muitas vezes mal remuneradas, mas é possível atrelar a uma precariedade estrutural crônica das escolas públicas e a falta de políticas específica que reconheçam a singularidade do alunado noturno, a pressão de um mercado de trabalho explorador através da disseminação de uma ideologia neoliberal. É necessário uma educação emancipadora.

REFERÊNCIAS

PUCCI, B. OLIVEIRA, N. R; SGUSSARDI. V. O ensino noturno e os trabalhadores. São Paulo: **Edufscar**, 1994)

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: **Paz e Terra**, 1996

AMORIM, et.al. Desafios e perspectivas para o ensino noturno: O ensino médio público no terceiro turno, 2023.

TOGNI, A. C, SOARES, M. J. A escola noturna de ensino médio no Brasil, 2007.

WILLIS, Paul. Aprendendo a ser trabalhador: Escola, Resistência e Reprodução Social. Porto Alegre: **Artes Médicas Sul LTDA**, 1991.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: **Civilização Brasileira**, ed. 1982.



GRAMSCI, Antonio. Cadernos do Cárcere. Tradução de Carlos Nelson Coutinho.
v. 2. Rio de Janeiro: **Civilização Brasileira**, 2000. p. 50-51.

ESTUDO mapeia a infraestrutura das escolas públicas gaúchas. **TCE/RS**, 2020.
Disponível em: <https://tcers.tc.br/noticia/estudo-mapeia-infraestrutura-das-escolas-publicas-gauchas/>. Acesso em: 20 Dez. 2025.

